

Israelense ensina como receber

MOISÉS RABINOVICI
Nosso Correspondente

WASHINGTON — Um eficiente cobrador de dívidas do Terceiro Mundo, incluindo o Brasil, é o ex-comandante de tanque israelense, Chaim Helfgott, que hoje trabalha como gerente de empréstimos internacionais do Equitbank, em Pittsburgh.

Seu método de resgate de dinheiro considerado perdido lembra um pouco as rápidas e certeiras operações de guerra israelenses. Só do Brasil, onde o Equitbank tinha US\$ 30 milhões em 1984, ele e mais um banqueiro, Giovanni Cazzarelli, já recuperaram US\$ 20 milhões.

"Não tivemos dificuldades no Brasil. Só uma, pequena, em São Paulo, quando morreu o dono de uma firma a quem o Equitbank tinha emprestado dinheiro, e seus herdeiros pareciam dispostos a gastar tudo. A solução foi ameaçar com o confisco de propriedades", diz Cazzarelli.

"Saimos felizes de São Paulo" — acrescenta ele, falando em nome da dupla de cobradores do Equitbank, pois o ex-tanquista Helfgott está em Londres, numa viagem de negócios. O restante de dívida que deixaram no Brasil, US\$ 10 milhões, está dividido entre empresas estatais e faz parte do pacote de médio prazo que está sendo negociado com o comitê de bancos credores, em Nova York.

O êxito deles é o resultado de um novo tipo de abordagem: ao invés de rolar dívidas, eles vão pessoalmente aos devedores.

"QUEREMOS O DINHEIRO"

"É uma questão de estado de espírito. Minha posição é o não compromisso. Nós queremos dinheiro, e não o receberemos com 10% de desconto", esclareceu

Chaim Helfgott ao The Wall Street Journal de ontem, que apresentou, numa longa reportagem de primeira página, seus métodos de cobrança pouco convencionais.

O sucesso do método de Helfgott, que ele atribui ao seu "lado feio", levou o Equitbank a aceitar encomendas de cobrança de outros bancos. Numa operação no Equador, por exemplo, ele entrou numa loja de automóveis, e gritou: "Pague já, ou tomarei estes Sedans e aquele conversível. Já temos fregueses para esses carros". Saíu com US\$ 600 mil.

Suas histórias de cobrança são verdadeiras operações de espionagem, muitas vezes. Como aquela vez em que perseguiu um empresário nigeriano de Lagos até Londres, e o deixou num bar só quando obteve a concordância para um plano destinado ao pagamento de US\$ 2,5 milhões. Ou como quando localizou um caloteiro saudita em sua nova casa na Suíça. Foi assim, usando métodos que ele mesmo classifica de "sujos", que recuperou 90% dos empréstimos do Equitbank a setores privados na América Latina, e 50% de créditos abertos a governos.

